

O OCEANO ATLÂNTICO NO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

ODS 4 E 13

Davi Arai Adachi (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Miguel Dias Maltoni (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Miguel Lemes Pereira da Silva (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Nandini Kumar Fernandez (Colégio Progressão Pindamonhangaba)
Renan Nicastrí Ivo (Colégio Progressão Taubaté)
Renato Fernandes Lobo (Colégio Progressão Taubaté)

O trabalho foi desenvolvido por alunos do 7º ano, nas disciplinas de história e Geografia, a partir de uma pesquisa bibliográfica buscou-se compreender a maneira como os europeus viam o Oceano Atlântico durante a Idade Média. Foi possível perceber que o Atlântico era envolto por um véu de mistério e temor. Para muitos europeus, especialmente antes das grandes navegações, o Atlântico representava o limite do mundo. Criaturas monstruosas, redemoinhos devoradores e abismos infinitos povoavam mapas e relatos, alimentando o imaginário coletivo com medos ancestrais. Esse cenário, porém, começou a mudar com o avanço das navegações e o fortalecimento da racionalidade cristã. A Igreja Católica, embora muitas vezes associada à manutenção de dogmas, teve um papel relevante na contenção de superstições infundadas. Teólogos e pensadores cristãos, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, promoveram uma leitura mais racional do mundo natural, combatendo crenças em monstros marinhos e forças sobrenaturais que habitariam os mares. Em sua comunicação à Academia Portuguesa da História, o acadêmico Vasco Soares Mantas destacou que o mar, mais do que qualquer outro espaço natural, foi palco de exuberantes exercícios de imaginação, mas também de uma lenta transição para o conhecimento empírico. A fantasia medieval, embora resistente, foi sendo substituída por uma visão mais objetiva, especialmente com o avanço das navegações portuguesas no século XV. A Igreja, nesse contexto, não apenas tolerou como incentivou a exploração marítima. Ordens religiosas como os franciscanos e os jesuítas participaram ativamente das viagens, registrando observações e refutando mitos. O historiador José Pedro Machado, em sua obra *Fim dos Medos Antigos no Atlântico* (1974), descreve como os descobrimentos portugueses foram catalisadores de uma “catarse dos medos antigos”, revelando um mundo real onde antes reinava o imaginário. A dissertação *O Atlântico Magrebino no Final da Idade Média*, de Paulo Esmeraldo Lopes, reforça essa ideia ao mostrar como os navegantes portugueses, munidos de instrumentos náuticos e saber técnico, enfrentaram o desconhecido com coragem e método, desmistificando o oceano e transformando-o em via de expansão e conhecimento. Em suma, o Atlântico medieval foi palco de medos e maravilhas, mas também de superação. A Igreja, longe de ser apenas guardiã do mistério, foi aliada da razão, promovendo uma leitura mais lúcida do mundo e contribuindo para o fim das superstições que por séculos assombraram os horizontes marítimos.

Palavras-chave: Oceano Atlântico; Idade Média; Igreja Católica.